



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 17 de Janeiro de 1976 * Ano XXXII — N.º 831 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

ÁFRICA

**Notas
de viagem (2)**

● Partimos de Lourenço Marques em 18 de Setembro com destino a Angola. Eram 6 horas da manhã. Após rigoroso controlo alfandegário, que se repetiria na Beira, chegámos a Lusaca, onde permaneceríamos uma hora. Eram cerca de 15 horas quando aterrámos em Luanda, onde depararíamos com um dos espectáculos mais trágicos vistos na nossa existência: é único no género: Dezenas de aviões postados na pista, caixotes e outras bagagens aos montes, desordenadamente dispostos, lixo por todos os lados e, o mais importante, centenas de pessoas angustiadas, de olhos esbugalhados, cabelos desalinados, faces cavadas pelas lágrimas e denunciando o maior sofrimento, enquanto aguardavam a hora da partida, que uma descolonização infeliz e peregrina lhes impusera

quase compulsivamente. Do ar, para lá da maravilha da já conhecida paisagem, sinais evidentes de destruições e de lutas.

● Após uma estadia de quase seis horas no aeroporto de Luanda, eis-nos a caminho de Benguela, onde aterrariamos pelas 22 horas locais. A nossa chegada o Padre Manuel, o Quim de Malanje, a Mulher do Júlio e o Manuel, Chefe Maioral, como que a suavizar as horas sombrias da despedida na Capital de Moçambique e as vicissitudes duma viagem plena de sensações negativas. Como esquecer, por exemplo, as minuciosas inquirições e os cuidadosos exames à nossa bagagem, de pacífico cidadão, em terras há pouco portuguesas ou onde tremulava ainda a bandeira de Portugal?! Como

olvidar aquele momento em que alguém, vestido com a farda do Exército Português, se abeirou de nós e de mais dois compatriotas com quem falávamos, dizendo: «Querem trocar algum?!»

● Benguela e Lobito são, sem dúvida, cidades bonitas. A distância de mais de meia dúzia de anos da nossa última visita fomos encontrar, na zona do asfalto, bastantes diferenças. Infelizmente, as do caniço, além de maiores, denotavam a carência das mais elementares infra-estruturas. Aqui, como noutros lados, as gentes de cor, coincidentes com as mais pobres, foram sendo empurradas para fora dos centros urbanos, onde a promiscuidade é o lugar-comum. Pecados dos homens que se pagam caros!

● A nossa Casa do Galato, praticamente terminada nas suas construções, representa um esforço sério realizado em favor dos Jovens angolanos. Dispõe de três casas de habitação, de dois andares cada, airoas e confortáveis; a casa-mãe, para lá dos alojamentos das senhoras e dos mais pequenitos, apresenta os mais variados requisitos para a vida comunitária; as oficinas maiores, seralharia e carpintaria, amplas e apetrechadas, são uma cha-

Continua na TERCEIRA pág.

TRIBUNA de COIMBRA

● Sempre que tenho recados e os tenho de aviar na «Baixa», chego a Casa amargurada. Amargurada não pelo aviar dos recados, mas por encontrar três filhos que criámos e que agora encontro a vegetar naquelas ruas donde procurámos libertá-los.

As mães são mulheres de «negócios» e os filhos até servem também para negociar. Custa-me tanto vê-los como agora os tenho de ver! Se eu fosse livre havia de libertá-los. Mas, numa sociedade evoluída como a nossa, eles são das mães, já que não podem ser dos pais...

Um deles, esquivo e inteligente, é da rua e dos eléctricos. Uma criança fria a convencer-nos de que tem imensa fome de carinho. Afaguei-lhe a cabeça e nem para mim olhou.

O mais velho dos três fez conosco a Escola Primária e o Círculo Preparatório. Foi até bom aluno e era tímido e delicado. Um domingo à noite desapareceu com a mãe, sem eu ser ouvido para nada. Agora tenho-o

encontrado sempre com um carrinho de mão à procura de papel velho. Tem procurado esquivar-se quando me vê. Aceito a sua atitude, pois o aspecto é próprio do seu trabalho.

O terceiro tem treze anos. Tinha passado para a 4.ª classe. Tenho-o encontrado ao papel pelas ruas. Perguntei-lhe pela Escola e disse-me que não a tinha. Anda descalço e abandonado. Ele que todos os dias vinha de braços abertos e me abraçava pelo pescoço e me comia de beijos! Ele que procurava dispensar e receber carinho de todas as pessoas com quem se encontrava! Ele que em pequenito, ainda em casa com os pais, passava muitos dias fora de casa! Ele que tão bem sabia inventar uma história maravilhosa para desculpar as suas culpas! Se eu fosse livre havia de o arrancar outra vez à rua e havia de o ajudar a fazer, ao menos, a 4.ª classe e havia de o libertar dos «negócios» da mãe.

Segue na TERCEIRA pág.

AQUI, LISBOA!

O meu Natal

Ontem, 23, foi-se o Zé Augusto. Hoje, 24, foi-se o Luís. Duas histórias diferentes, dois caminhos novos que tomam e julgo bem errados. Porque assim o penso e quase tenho a certeza, o meu Natal vai ser mais uma dor profunda a juntar às tantas por tantos seres meus Irmãos a sofrerem nesta noite sem comer, sem tecto, sem família, sem conforto humano, sem alegria, sem Esperança, antes desesperados.

Zé Augusto era nosso há 10 anos. Veio porque era desprezado, escorraçado e maltratado pelos seus. Tinha 7 anos. Era vadio (como o classificavam), não tinha escola nem nada. Dez anos a família não o conheceu. Nem cartas nem visitas. Este ano o Zé Augusto conseguiu, muito a custo, fazer exame de adultos e ficou com a 4.ª classe. Não sei como a família soube e logo a mãe escreveu. Tempos depois vem cá um tio emigrado em França. Quer levar o rapaz. Resisto. Sou insultado e até acabo por ser chamado à G. N. R. para explicar porque tenho cá «sequestrado» o rapaz. Explico e digo que só com a mãe ou o Tribunal de Menores podemos decidir, pois 10 anos a viver na nossa Casa me davam direitos a defendê-lo de oportunistas exploradores de menores. Não sei se fui entendido pela

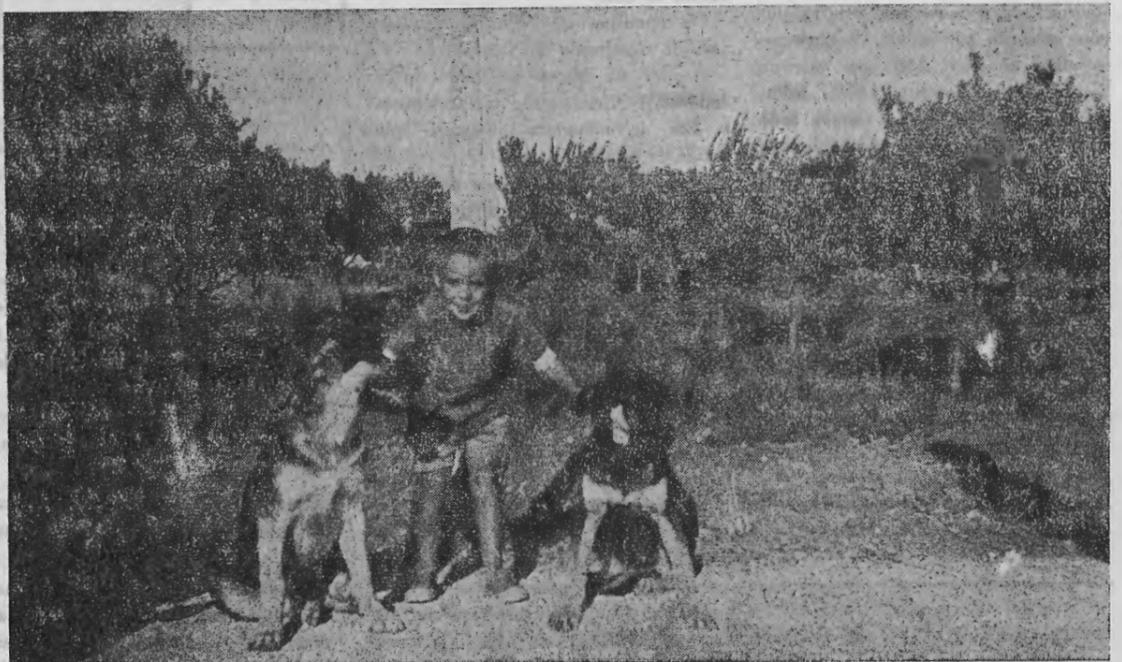
autoridade, mas o que é certo é que o Zé Augusto desapareceu nesta véspera de Natal sem falar comigo ou com o Maioral e ele sabia bem que eu não o impedia de ir desde que os familiares me garantissem condições de o continuarem a ajudar a ser, no futuro, um homem.

Soube, no dia seguinte, que os familiares o procuraram e ele foi com eles. Dez anos que foi amado e como filho muito querido. Um momento só e tudo esqueceram os seus familiares, pois a ele não julgo eu. O meu drama interior é saber quem falhou: nós ou a estrutura social que não defende os menores da opressão mesmo familiar!

É a minha parte na Crucificação do Filho de Deus que hoje comemoramos no Seu Natal humano.

O Luís tem outra história. Veio de Cabo Verde com a mãe. Recebemo-lo aos 5 anos para que a mãe tivesse possibilidade de trabalhar para subsistir. O pai não sabemos quem é. Sabemos, sim, do amor que a mãe lhe tem e de quanto sofre por o ter longe de si. A sua patroa não permitia a criança com ela. Duas violências e duas injustiças cometi-

Segue na QUARTA pág.



O Oscar no meio dos seus fiéis amigos.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

ABENÇOADO ESCÂNDALO — O mundo anda tão afeito ao mal que o Bem escândalo.

O Povo é com razão: «não se pode ver uma camisa lavada a um Pobre». E não! Quanto mais pequeno for o meio, pior. Daí, a humilde acção vicentina nos meios rurais — sobretudo nos meios rurais — apesar de toda a discreção e delicadeza — ter um prémio que salga: o acinte, o escândalo.

Abençoado escândalo!

Não vamos atirar pedras. Sem nos armarmos em moralistas, vamos, sim, procurar compreender, discordando das reacções não já e também da velha burguesia, mas da nova, dita proletária, que esquece o tempo dos remedos, do barraco, o caldo de coibas, o pão duro, o «kentuky», a tuberculose — a miséria. E vendo Irmãos promovidos, aproximados do seu nível com o mínimo fundamental, segue os mesmos processos dos grandes detentores do deus-milhão quando o trono parece desmoronar ou se desmorona.

Sociologicamente, ou psicologicamente, o comportamento dos homens, nestas circunstâncias, tem uma razão profunda, decalcada...? Para além das técnicas dedutivas, chamemos-lhe assim, que nos transcendem, vamos detectar o mal no Pecado Original; e nos pecados d'omissão catequéticos, numa sociedade dita cristã, em que o Bem concreto dos Outros não é exposto ou definido claramente em termos práticos, baseados no Livro da Vida.

Ponto final.

PARTILHA — Ana Maria, de Lisboa, com 150\$00. Velha amiga, da rua Sá da Bandeira, Porto, 500\$00. Assinante 4023, 100\$00, «para o mais pobre dos seus Pobres». Queluz, um vale de mil «para um Natal com um bocadinho de maior calor junto ao presépio do Menino Deus, pedindo somente uma pequenina oração por uma intenção particular». Levantemos os olhos ao Céu! Mais um vale de Santarém, da assinante 17022. Informamos a nº 13398 que chegou tudo em ordem obrigado. Uma lembrança de Coimbra 500\$00. Outras da rua Tristão Vaz, de Lisboa, na hora própria. Outra vez Coimbra, com 200\$00 «para atender à necessidade que careça de urgência». Mais 100\$00 da capital, rua Capitão Henrique Galvão. O mesmo do nosso Rufino. Toma lá um abraço! Idem, Faro; retribuimos os votos expressos com amizade. Gondomar tem a palavra:

«Vir bater à vossa porta e entregar-vos algo para o Natal dos vossos e nossos Irmãos pobres é para nós

motivo de muita consolação e momento adequado para assim sufragarmos as almas dos nossos entes queridos que partiram já deste mundo.

Sempre amigos

Eu-e-Ela

O valor do Matrimónio está aqui. E da Família. E da Fraternidade cristã. E do Compo Místico, também. Mais 20\$00, do Porto. E sobras de «O GAIATO», de Montemor-o-Novo. S. João da Madeira traz 50\$00 «para tapar um buraco dos muitos que haverá nos Pobres da Conferência». Um meu condiscipulo, lembra-se dos Pobres todos os anos, nesta quadra. E assim revivemos companhia amiga doutros tempos. Vale a pena! O habitual da assinante 17740. Mais 50\$00 de Ois da Ribeira e saudações cristãs, que retribuimos com muito gosto. Três vezes mais de Perafita, assinante 22428. O dobro da rua Rodrigues Cabrilho — Lisboa. Finalmente, o assinante 259 — dos primeiros!! — com 100\$00 «pela salvação de todos nós e do nosso querido Portugal».

Muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NATAL — O Natal para nós foi normal, como nos anos anteriores.

Fatura houve, graças a Deus: filhós, rabanadas, aletria, etc., etc. e tudo feito com muito amor e carinho pelas senhoras e cozinheiros.

Os nossos rapazes, dentro das possibilidades, também não esqueceram o Natal e fizeram o presépio nas suas casas. O mais engraçado, e cheio de arte, era o da casa 4, 1.º andar. Que bonito ele estava!

Não esquecendo também os presentes (os presentes do «Pai Natal») que este ano foram distribuídos no salão de festas, logo após o espectáculo entre a consoda e a Missa do galo.

Na Missa do galo só participaram os mais velhos porque os mais novos foram dormir.

Na homilia, o sr. Pe. Luiz falou-nos do significado do Natal.

Depois da Missa (e como já é habitual), dirigimo-nos ao refeitório a fim de tomarmos o cacau, que serviu de pequeno-almoço.

No dia de Natal, a hora de levantar foi à vontade do freguês, mas só até ao meio-dia e meia-hora.

Alguns houve que ficaram até essa hora. Ai os dorminhocos!

À uma hora foi o almoço natalício. A refeição foi boa e o refeitório com as devidas decorações, próprias do dia.

O resto do dia foi normal.

Foi assim o nosso Natal. Mas é preciso que não seja só um dia, mas que se repita todo o ano.

AULA-PASSEIO! — Como os leitores sabem os rapazes da nossa tipografia têm aulas de estética aos sábados, na linha das Artes Gráficas.

Pois no dia 27 de Dezembro, o nosso professor (como sempre todos os sábados) veio conviver connosco

mais umas longas horas, que para nós são curtas.

Como nesse dia estava muito frio, um dos tipógrafos teve a ideia de acompanharmos o nosso professor numa visita aos pontos importantes da Casa.

Concordámos com a ideia e lá fomos. Começámos pelo salão de festas e biblioteca (já conhecida d'ele). Fomos depois à casa-mãe ver a nossa cozinha modernizada com equipamentos bem dentro dos nossos dias. Pois então? Nós não somos uma Família com cerca de 160 filhos?

A visita continuou; e fomos ao hospital onde visitámos os nossos poucos doentes, aliás quase bons depois de uns dias de gripe. Ainda visitámos mais.

Acabámos por voltar à tipografia porque a sineta já nos havia chamado para o almoço.

Qual a razão desta visita?

O frio claro, o frio! A falta de aquecimento na nossa sala de aulas! Os pés gelados e há que os pôr em movimento.

RELEBRANDO — Os leitores sabem, pela leitura do jornal, que a menina Trindade (a nossa ex-enfermeira) já não está na Obra.

Escrevi no jornal que merecíamos uma visita da nossa tão grande amiga. Pois no dia de Ano Novo veio fazer-nos a visita que tanto estimámos.

Bem haja! E venha sempre.

«Marcelino»

UM PEDIDO

Caros Leitores; Sou um Trabalhador-estudante que, para estudar, tenho de percorrer 8 km em bicicleta de pedal. Por isso, se algum leitor tiver uma bicicleta-motor ou uma motorizada de que não faça uso, tenha a bondade de a enviar para Manuel Gomes, secção da cozinha, Casa do Gaiato, Paço de Sousa.

A CRIANÇA — A Criança é um ser frágil. Por isso, de pequena deve ser tratada com muito amor e muito carinho.

No mundo há muitas Crianças que sofrem. E sofrem porquê?

Porque, talvez os pais não lhes dêem o carinho e a compreensão que elas necessitam. Ou ainda até pela própria guerra que as faz morrer de fome sem culpa nenhuma.

Também há Crianças que não têm o seu naco de pão, o pão do dia-a-dia que tanta falta lhes faz.

Crianças há que não têm o seu lar, nem pais, nem ninguém que possa olhar por elas.

E para remediar esse mal é que no Mundo (eu refiro-me mais a Portugal) existem Casas de várias pessoas que, vendo essa miséria, quiseram dar um pouco dos seus dons para ajudar os mais desfavorecidos.

O nosso inesquecível e querido Pai Américo também foi uma dessas muitas pessoas que do seu pouco deu a nós, que aliás somos pobres, esta alegria e este bem-estar, como agora estamos a ter.

Pois também é preciso que as Crianças (e não só), os Pobres, se lembrem sempre dessas pessoas que lhes querem tão bem!

«Rouxinol»

MIRANDA DO CORVO

SUINOS — Tínhamos umas pocilgas cheias. Porcos lindos e gordos. Porcas cheias e bonitas. Leitões que eram promessa. Tudo tão cheio! Veio a peste. Sim, veio a peste. Tão má! E logo aquela africana. Dizimou tudo. Foi um momento.

Eu tinha saído ainda não havia mês e meio quando me chegou a notícia. Quando parti haviam quatro ninhadas pequenas e mais algumas porcas que em breve nos dariam mais leitões. Hoje temos ainda ali seis leitões que podem não morrer. O resto morreu tudo.

Grande prejuízo! Para nós foram cerca de setenta contos (peso da carne no momento). Mas, se visarmos o futuro, quanto não virá a ser, se olharmos à crise económica actual por que a Nação passa; se olharmos a quantos suínos morrem de peste africana?! Milhares de contos!... Quanto representa isto num País muito em baixo economicamente?

Quando haverá cura para esta peste? Peste africana! O nome nos leva a pensar que seja também um fruto

do colonialismo e sua guerra. Mas heranças!

E os nossos porcos jazem na terra-mãe...

NATAL — Não vou falar-vos de Natal pois que tudo o que possa dizer-vos já outros disseram e melhor do que eu poderia fazer. Mas vou falar-vos do Natal, do nosso Natal. É sempre tão igual, tão diferente! É sempre tão feliz e alegre e não deixa de, por vezes, ser triste...

Deixemos tristezas de lado que o Natal é Paz e Alegria.

Recordemos, sim, mas não sejamos pessimistas nem derrotistas.

O nosso Natal é como o vosso. Não tivestes a família reunida na consoda? Pois nós também e bem numerosa é. Não tivestes um Pai Natal para os vossos filhos? Os nossos pequeninos também o tiveram. Talvez haja outros que o não tenham tido...

Mas nós tivemos uma coisa diferente este ano. É costume fazermos um serão-convívio onde cada um manifesta para alegria dos outros. Este ano quisemos partilhar nossa alegria de Natal com os nossos amigos de Miranda e, assim, preparámos uma festa e fomos ao novo quartel dos Bombeiros e aí, com o salão abarrotado, fizemos nossa festa, comunicámos nossa alegria e recebemos amor.

Quisemos dar o produto dos bilhetes. Será ajuda nos acabamentos dessa obra do Povo — o quartel. Mas trouxemos mais. Não faltaram os mimos que são praxe nas nossas festas.

Os amigos de Miranda do Corvo deram prova que o são mesmo.

«Lita»

O DESEMPREGO

Os principais meios de comunicação social — e muito bem — vão já trazendo, com mais ou menos destaque, não só o espectro como a realidade, a triste realidade do desemprego e do sub-emprego.

Não somos especialistas no assunto, resultante de crises cíclicas e do desconcerto das instituições, das guerras, dos homens, dos cultores do deus-milhão...

Mas, para além das causas, o recoveiro dos Pobres sente os efeitos. Dramas terríveis!

É o Trabalhador especializado, por exemplo, que bate a muitas portas, de manhã à noite — e nada. O mercado de trabalho está mais que saturado. E não se vislumbra melhoria a curto prazo! Expressiva manchete de um matutino: «Para cada 100 candidatos a emprego há menos de 3 ofertas de trabalho»!! Resultado: mão d'obra qualificada vai já ocupando em último recurso — para não morrer de fome — pos-

tos de trabalho indiferenciado. O retrocesso!

Há dias, conversámos com um jovem amigo. Trabalhador especializado. É cabeça de casal; responsabilidades contraiadas com os seus — do seu sangue — e o mundo em que vive.

Os patrões abaram a carga, com ou sem razão. Ficaram eles, os Trabalhadores, em auto-gestão. Deficiente. Com certeza. Não se formam quadros do dia para a noite! Conclusão: a firma está na insolvência. Os Trabalhadores de mãos a abanar. E o sub-emprego é já o desemprego!

O moço foi sempre alegre. Agora, porém, já não esconde a angústia que lhe vai na alma; que o devora a si e aos seus.

— Terei de voltar à campo...!, desabafa profundamente. — V. sabe como está a Agricultura...?!

E baixa os olhos à terra, como um sepulcro de vivos!

Júlio Mendes

TRIBUNA de COIMBRA

Cont. da PRIMEIRA página

● Por vezes temo que estes momentos de amargura nos possam levar ao desânimo. Parece que o fruto do nosso trabalho — trabalho sabe Deus em que circunstâncias — acaba por ser um fruto apanhado verde ou apodrecido. Há casas de crianças a fechar! Há pessoas dedicadas que não perdem a coragem! Há tantos que dizem que não vale a pena! Há pais que cruzam os braços na educação dos filhos! Há outros que abandonam para não se inquietarem! Há muitos que não querem filhos para se libertarem de incómodos!

Hoje, domingo a seguir ao Natal, celebrámos a festa da Família de Nazaré, modelo de todas as famílias cristãs, ideal que Pai Américo apontou para as famílias que devem ser as Casas de Gaiato. José e Maria tiveram de agitar o nascimento do Menino longe da sua terra e sem o mínimo de conforto material; José e Maria tiveram de ausentar-se do seu País porque a vida do Menino estava ameaçada; José e Maria passaram três dias de grandes aflições quando o Menino, sem os pais saberem, ficou no templo de Jerusalém. Quanto lhes terá custado a criação do Menino?

Quanto custa uma criança? Quanto custa um homem de amanhã? Mas, as crianças de hoje não serão homens de amanhã se a sua educação não conduzir a sê-lo. Quantos homens responsáveis estarão atentos à exploração da criança? Qual a força das nossas leis para evitar os negócios com os filhos?

Que a Família de Nazaré seja para todos nós, para todas as nossas famílias, uma luz e uma força; luz e força na nossa caminhada para a Casa do Pai do Céu — Pai da Grande Família Humana.

Padre Horácio

Refugiados do Ultramar

Em ordem a minorar os inúmeros problemas dos milhares de Trabalhadores vindos das ex-colónias portuguesas foi criada a Cooperativa dos Trabalhadores Retornados do Ultramar, com sede na Praceta da Carranca, 8 — Bairro do Bosque — Amadora — Telef. 932771-942365, para onde se poderão remeter todos os tipos de ajudas ou ofertas de postos de trabalho e se deverão dirigir os Retornados interessados.

Cont. da PRIMEIRA página

mada ao trabalho e à valorização profissional; o salão de festas, alegre e arrojado, mais a biblioteca, são um convite ao são divertimento e à leitura; as instalações escolares, acolhedoras e arejadas, são um instrumento de valorização essencial; os edifícios agrícolas, numa exploração que visa essencialmente a cultura da banana, bem assim os destinados aos animais, afirmam-nos que nada está esquecido; o vasto campo de jogos, essencial nas nossas Casas, oferece aos Rapazes oportunidades de correr, saltar e jogar; os jardins bem talhados e a belíssima pérgola existente são uma afirmação de beleza e uma chamada à contemplação.

● Padre Manuel é o «pai de família» que tudo dá aos seus 140 «filhos». Os doze anos da existência da Casa de Benguela são um atestado daquilo

ÁFRICA

a que a Fé vivida pode conduzir. O suor e as lágrimas vertidas, o espírito de sacrifício e a entrega total ao serviço de Deus e dos Homens, têm de ser necessariamente fecundos. Os últimos dois anos têm trazido, para mais, preocupações cada vez maiores, desde as de segurança até às de subsistência. Centenas de nativos, e não só, têm procurado na nossa Casa uma e outra coisa, particularmente nos períodos dos confrontos armados, e não lhes há faltado o pão nem o abrigo. Ao serviço da Casa ou do Povo, em geral, Padre Manuel e o seu colaborador Armínio, têm sido os motoristas para todo o serviço, que conduzem pessoas ao hospital ou as eva-

cuam de zonas perigosas, amparam comunidades religiosas ou socorrem famílias necessitadas, que vão ao aeroporto ou ao porto levar e trazer géneros, coisas ou pessoas, enfim, os sempre disponíveis para satisfação das necessidades ou problemas dos Irmãos.

● Uma nota triste das que nos foi dado observar ao longo da nossa permanência em Angola: miúdos armados de instrumentos dos mais variados tipos, fazendo controles ou patrulhas, quando não disparando com armas de guerra aos pássaros... Se os ódios e as divergências entre os homens se inculcam ou transmitem às crianças como será possível a

Notas de viagem (2)

parecem, mas anima-nos a Fé no Pai que tudo pode e que tudo conhece e acreditamos na bondade que existe ainda nos corações de muitos Homens. Os ventos que sopram podem não ser favoráveis e podem mesmo, à passagem, destruir muitos valores, mas há riquezas no interior do Homem que ninguém consegue tocar. Muitas coisas se roubam, se deturpam, se torcem, se alteram, mas quem poderá atingir o amor que devemos sentir uns pelos outros? É esta verdade que nos dá optimismo e não nos deixa temer o futuro e nos impele a caminhar.

● Um último apontamento, sempre consolador, a do muito respeito e consideração de todos, brancos, mestiços e negros, pela nossa Casa de Benguela. Isso tem ajudado os que lá lutam e estão dispostos, enquanto os homens os não impedirem, de servir os seus Irmãos, independentemente de facções ou discriminações de qualquer tom.

LAR OPERÁRIO EM LAMEGO

O nosso aniversário é em Janeiro. Não vamos fazer um balanço de aproveitamento, mas sentimos coragem e temos razões de sobra para dizer que valeu a pena esta caminhada de dez anos. Com um pouco de tempo não seria difícil dizer os rapazes que passaram pelo Lar de S. Domingos, durante estes anos. Igualmente não seria difícil indicar o número dos que a esta hora já se encontram lançados na vida a ganhar honradamente o pão com o suor do seu rosto, à custa de uma arte que aqui aprenderam. Isto serve de incentivo e de ânimo para iniciar outra decenal. Queremos, nesta hora, agradecer a todos os que generosamente quiseram colaborar connosco. Houve quem ficasse pelo caminho, é certo; mas houve quem pontualmente aparecesse todos os meses, quem estivesse presente nas principais festas do ano, particularmente no Natal, quem se lembrasse de nós com selos usados, roupas, objectos para a Tómbola, etc. Nos últimos tempos em que a vida se complicou de modo assustador, a Tómbola um pouco a brincar..., a brincar... foi dando para as despesas maiores do Lar de S. Domingos. Temos de conservar a Tómbola em funcionamento. Precisamos que não se esgote no coração dos amigos a generosidade de ofertas de pequenos brindes que sirvam de prémios. Os que frequentam a Tómbola não exigem grandes valores porque a sua visita é mais por amor à obra. Às vezes um lápis, um sabonete, um novelo de lã, um postal ilustrado, um objecto ou quadro que ontem servia de adorno e que agora é melhor substituir por outro; um pacote de rebuçados, um pequeno biblot é suficiente para os alegrar. A Tómbola vai continuar aberta. Para os que sentem vontade de ajudar e re-

ceiam as despesas dos C. T. T. que são grandes, podem enviar em dinheiro e nós compramos aqui os artigos. Assim têm feito alguns com notas de 20 e 50 escudos, dizendo: «isto é para a Tómbola». No rolar destes anos partiram-se copos e pratos, desapareceram roupas, danificaram-se coisas que foi preciso substituir e comprar de novo. Nesta hora está-nos a preocupar a aquisição de onze colchões e o arranjo do pequeno balneário. Dizem os artistas que a despesa vai para além

dos 40 contos!!! Os trabalhos vão começar e nós não temos a importância suficiente, mas o mesmo nos aconteceu de outras vezes e as obras chegaram ao fim e tudo ficou pago. Ninguém nos acusa de «caloteiros» e tem aparecido o pão de cada dia. Nem sempre há dinheiro para pagar imediatamente o que precisamos, mas o Pobre é ainda garante que merece respeito e confiança. Não actuamos com presunção, nem para que nos louvem na praça pública, onde raramente

Viúvas

Na generalidade, continua num beco sem saída a concessão de pensão de sobrevivência às Viúvas cujos Maridos, beneficiários da Previdência, não descontaram para a referida pensão.

Esta medida oficial, promulgada há mais de um ano, seria uma justíssima tábuca de salvação para milhares de Famílias que, afinal, reconhecem ter sido ludibriadas.

Com os Pobres não se brinca! E com mais razão quando eles não têm voz e nem sempre são capazes de fazer ver ou de exigir os seus direitos — como outros melhor instalados.

Esta a grande lição que Pai Américo nos legou.

Aceitamos, de início, a boa intenção dos responsáveis. Só não entendemos é a certeza que os levou à decisão, perante a análise dos dados.

Não queríamos bulir na ferida, atendendo à gravíssima crise financeira da Previdência e do próprio Estado; quiçá desiludidos, ainda, pela irresponsabilidade a vários níveis. Mas a insistência da senhora Micas — há um ano que insiste, por nossas mãos, o cumprimento

do despacho governamental — e doutras nas mesmas circunstâncias, merecem que o problema seja esclarecido em todos os pormenores, doa a quem doer. De contrário, será mais um atentado à Justiça Social.

E como a nossa acção específica se realiza no meio rural, folgamos com a voz da cidade num assunto que mexe com Pobres de zonas suburbanas e rurais, principalmente. Por isso, e com a devida vénia, transcrevemos parte da expressiva carta de uma lisboeta inserida num vespertino da capital, com o título 30 mil Viúvas esperam pensão:

«(...) Tal pensão, embora modesta, acalentou nas candidatas, todas certamente de idade avançada, esperança de acabar os seus dias, sem estarem inteiramente dependentes das esmolas ou favores de familiares.

Porém, um ano já volvido e nem sequer uma pequena notícia receberam da entidade respectiva, apesar de prontamente cumprirem na entrega de toda a papelada. A informação verbal que se obtém é de que

foram muitos os processos e, daí, a demora em dar cumprimento e despacho aos mesmos.

Talvez, se tenha que aceitar como boa esta razão, se bem que se convidassem os descendentes de tais pretendentes a ajudar a ultimar o processado, certamente já tudo estaria resolvido, isto sem falar já no aumento dos quadros ou na ineficácia dos elementos encarregados de trabalhar nos mesmos.

Mas... outra questão se levanta, embora esta de menor vulto. As Viúvas que já tinham pensão e cujos processos se ultimaram rapidamente, têm visto aumentadas as mesadas e, recentemente, isso se verificou mais uma vez e recebem pontualmente as quantias, sem que os respectivos serviços aleguem qualquer demora no seu processamento, que também o tem certamente! A situação destas é justíssima mas... e a daquelas que nunca nada receberam e que, apesar de protegidas legalmente por decreto, continuam a ser preteridas, vamos a dizer esquecidas?...»

Júlio Mendes

Calvário

A patroa gostava dela e acarinhava-a muito. De facto a Conceição era na verdade boa servicial. Desempenhava com eficiência o seu officio.

Certo dia surge-lhe um problema ortopédico que a torna inválida. A sua senhora deixa de o ser. E, a instâncias de amigos, o Calvário recebe-a, não como incapaz, mas como alguém que vem dar o seu contributo aos ainda mais inválidos. Há sempre alguém mais incapacitado do que nós.

No Calvário tudo se aproveita. Tudo se conjuga. E o resultado desejado obtém-se.

Ora, a Conceição vendo-se a realizar algo de proveitoso, a ser afinal útil, quando pensava o contrário — quando todos lhe diziam o oposto — ensaia uma ida até ao Porto, a sua cidade, onde a convenceram da sua incapacidade. Procura familiares para que a recebam. Mas não. Ninguém a quer. Ninguém acredita. Ela anda. Mexe-se. Mas só com muletas. Ninguém acredita que ela possa andar. E a Pobre regressa. Mas a sua tristeza volta a converter-se em alegria e paz, verificando que aqui é realmente o local onde é desejada e valorizada.

Se o mundo dos inválidos aproveitasse a lição dos Inválidos! Ninguém pode tudo sozinho. Mas todos podem tudo, quando se entreadam e dão as mãos. Mais: cada qual colhe a alegria, o bem total, porque para ele deu algo de si mesmo!

Ontem a Maria Alice, cega, de saco com pinhas às costas, era conduzida pela Isabel. Esta é atrasada mental. Muito. Não discorre por si. Não tem iniciativa própria, mas vê. Aquela é normal mentalmente. Discorre. Tem iniciativa. É capaz de ir às pinhas, ao pinhal. Mas precisa de alguém que as veja. De alguém que veja o caminho e a possa conduzir. E é quanto basta para que duas incapazes façam um trabalho capaz.

Ninguém pode tudo. Mas todos podem tudo quando se entreadam.

Padre Baptista

Hibernar

Talvez fosse uma ideia nestas semanas de «pontes» e de frio em que as previsões do próximo futuro não são de fatura e a vontade de trabalhar é mercadoria fora de moda que já nem terá lugar nos «saldos económicos» de fim-de-estação.

Diz a sabedoria popular que «corpo deitado aguenta muita fome». Pois se nos não adiantarmos à fome com uma ofensiva de trabalho pode ser que em hibernação consista a necessária poupança para os dias maus que os Responsáveis maiores pelo sector não escondem — honra lhes seja se essa é a verdade!

O facto é que quase dois anos de conversa fiada em que muito socialisticamente grupos numerosos se entretiveram a puxar a brasa à sua sardinha, se gerou um clima adolescente de regalias sem a correlativa responsabilidade — e este sopro mortífero penetra por todos os poros de tal modo que nenhum ambiente se pode considerar imune.

Agora foram os Correios com cinco dias de paralisia; é mais o sábado e o domingo sem tão importante serviço de comunicação. E se os Correios — porque não os Transportes e os Serviços de abastecimento de água e de electricidade?...! Não vejo outro remédio se não por-se a comunidade maior

chamada Povo — tão maquiavelicamente adulada por esses grupos — dispor-se, dizia, a hibernar dois dias por semana e mais quando surgir mesmo à feição uma «pontezinha» que pode dar para a semana quase inteira.

Nós acreditamos no trabalho. Com ele, sobretudo com ele e com a ajuda de muitos que o trazem escrito nas palmas das mãos, se fez esta Obra, que até já vai dando para ser espoliada como aconteceu agora em Lourenço Marques.

«Quem não trabaça não manduca» — foi princípio fundamental em que Pai Américo fundou a sua pedagogia. Parece que os «ventos da história», que sopram e rodopiam, querem desmentir o princípio.

Nem entendemos Socialismo sem sacrificio — repartido, com certeza — para que haja frutos a repartir no tempo oportuno.

É assim a vida: «Só quem semeia em esforço colherá em exultação».

Em que utopias se quererá acreditar, se a realidade ninguém a ensina como a vida?!

Quando surgirá a Autoridade que arrume os utopistas e os ponha a trabalhar ou lhes permita comer somente do que trabalham?

Aos nossos Rapazes quereira eu ser capaz de comunicar

Durante a quadra festiva do Natal e Ano Novo despachámos uma procissão de obras da nossa Editorial; do «PÃO DOS POBRES» ao «DOCTRINA», de «O LODO E AS ESTRELAS» ao «CALVÁRIO».

Ainda agora, à nossa frente, está uma série de mais de 20 livros para seguirem na mala do correio para os quatro quadrantes. Por isso mesmo — e ainda que a gente se repita naturalmente aqui e ali — o certo é que não há fumo sem fogo.

O primeiro volume do «PÃO DOS POBRES» está na máquina, em marcha normal. É o Bernardino a compor e a emendar. É o Padre Carlos a rever. É Quim Oliveira a protestar quando a obra não corre como deveria ser. E são muitos os Leitores esperando já pela hora H. Por isso, sublinhamos o extracto duma expressiva carta de Porto Salvo:

«(...) Sempre que saia algum livro, cá fico esperando; pois sei que vocês não deixam de o enviar. Espero que não deixem de trilhar esse caminho que tão doloroso é para vós, mas que

tem para os «acordados» um tão grande valor.»

Em parte, esta simpática Leitora afirma uma grande verdade; linha de rumo que não deixaremos de trilhar — apesar da apatia de quem só se lembra da trovoadra quando troveja; isto é, quando temos possibilidade de informar detalhadamente a posição das contas — como se diz na linguagem dos negócios do mundo. E são muitos! O Fernando Dias não tardará, com certeza, a tocar a caixa do correio, de todos os atrasados, com um postalzinho.

Já que estamos em maré de avisos, aproveitamos para chamar a atenção dos assinantes distraídos que nos enviam postais RSF, da Editorial, sem assinalarem o respectivo endereço! Esta omissão bloqueia a satisfação da encomenda. Os senhores tenham cautela e não nos atribuam culpas pelo silêncio.

AQUI, LISBOA!

O meu Natal

Cont. da PRIMEIRA pág.

das: tirar o filho a uma mãe válida e uma sociedade torpe onde a criança não é querida. Mudou de patroa — a actual mais humana — sente a dor da mãe e porque sabe quanto ela é boa mãe, pois até lhe confiou os seus dois filhos para deles cuidar, vem até nós e diz quanto gostava de levar o pequeno. Concordámos logo. Dias depois voltam. O Luís irá mas não para junto da mãe. Vai, sim, para a Casa Pia. Fiquei amarfanhado. Afinal a injustiça vai-se manter e com a agravante de a dita Casa Pia recusar receber tantas crianças sem tecto e sem amparo e sem pais — ou quase o mesmo — e que vai receber uma que já o tem. Outro erro. Eu tenho montes de crianças à espera do nosso tecto e a quem a Casa Pia recusou. Porquê esta situação? Onde a justiça? É verdade que com a saída deste caso posso dar lugar a um dos outros que a dita Casa não quer. Mas a questão de fundo per-

manece e esta é que me aflige. Como são possíveis estas arbitrariedades? Que critérios estão a ser seguidos nesta nossa Assistência Social? Continuaremos a ter de pensar que a cunha é que é justiça e que a justiça devida à criança é só palavras e nada mais?

Mal, muito mal continuamos e a Revolução afinal não passa de palavra oca, porque não passa pelo crivo da verdade.

Por estes e por todos os outros nossos que estão sujeitos à lei do sangue como se esta, por si só, bastasse para justificar que a injustiça se torne em justiça, a contribuir para aumentar o número dos explorados e dos infelizes, de que, pela lei do sangue, ficam os responsáveis imunes.

A minha prenda de Natal! Que dor! Que revolta! Se não fosse a Fé na Providência, a certeza da Redenção pelo sofrimento voluntariamente aceite por amor, desistia.

Padre Abraão



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Padre Carlos